

Renunciemo-nos a nós mesmo,

tomemos a nossa cruz e sigamos Cristo Jesus

Meus amados irmãos em Cristo:

No décimo segundo domingo do Tempo Comum deste ano que se celebra no dia 23 de junho, é-nos apresentada para reflexão a passagem bíblica narrada por Lucas na qual Jesus é reconhecido como o Messias de Deus (“O Cristo de Deus”) e inicia o anúncio de sua paixão, morte e ressurreição. Acrescenta, ainda, que, para O seguir, muitos serão os desafios a serem enfrentados e far-se-á necessário que seus verdadeiros seguidores abandonem-se a si mesmos e carreguem sua cruz diária para que seja, de fato, salvos.

Convido a todas e todos vocês para que, após a leitura da referida passagem, reflitamos sobre sua aplicação em nosso dia-a-dia.

18Num dia em que ele estava a orar a sós com os discípulos, perguntou-lhes: “Quem dizem que eu sou?”. 19Responderam-lhe: “Uns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros pensam que ressuscitou algum dos antigos profetas”. 20Perguntou-lhes, então: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “O Cristo de Deus”. 21Ordenou-lhes energicamente que não o dissessem a ninguém. (= Mt 16,24-28 = Mc 8,34–9,1 = Jo 12,25) 22Ele acrescentou: “É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas. É necessário que seja levado à morte e que ressuscite ao terceiro dia”. 23Em seguida, dirigiu-se a todos: “Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. 24Porque, quem quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, irá salvá-la. (Lucas 9, 18-24)

No trecho evangélico em questão, ao questionar qual a visão que seus discípulos tinham a seu respeito, Jesus ouve de Simão Pedro a reconhecida profissão de fé sobre a sua messianidade, ou seja, o seu reconhecimento como o Filho do Deus vivo, o Cristo, aquele que era esperado por parte do Senhor para a salvação do seu povo, cuja vinda fora tão anunciada pelos profetas.

Imediatamente após, Jesus apresenta uma realidade crua e espantosa aos presentes, iniciando o anúncio de seu sofrimento e morte que estavam por vir, para que, de fato, a salvação de toda humanidade, não apenas a do povo judeu, pudesse ser conquistada. Que o Deus vivo, o Salvador encarnado, não era um guerreiro que viera para conquistas e glórias terrenas, mas sim para vitórias perenes e espirituais, dominando o verdadeiro inimigo – a ignorância e o apego aos prazeres terrenos.

Imaginem a dificuldade, o espanto e o temor dos discípulos que depositavam toda a confiança e esperança no Mestre, crendo fervorosamente no poder de libertação daquele que era o Deus vivo: Jesus, Filho de Davi! Difícil avaliarmos o pânico e, até mesmo, a frustração dos seguidores próximos de Cristo Jesus, ao ouvirem sobre o seu sofrimento que estava por vir. Razão para que Pedro, o destemido e açodado discípulo, rapidamente interviesse, rechaçando a possibilidade do sofrimento do Mestre e, consequente, abandono aparente de seus seguidores, posicionamento que gerou veemente reprimenda de Jesus.

Reflitamos, amados irmãos, sobre a possível reação dos dicípulos, tão semelhante à nossa, diante das adversidades e dificuldades diárias, ao tentarmos delas fugir constantemente, com a tendência de vê-las como castigos e desnecessárias provações, buscando, por meio das orações, ou até mesmo por blasfêmias, o seu afastamento. Assim agimos, numa ignorante postura de fuga da verdade. Há quem diga que somos, rotineiramente, “satanás” para nós mesmos. Não na personificação do diabo, na figura de um demônio vivo, mas na atitude obstaculizadora impedindo o caminhar necessário para a evolução espiritual.

Vejam, não estamos fazendo uma apologia à necessidade do sofrimento para a salvação, mas sim do enfrentamento corajoso e confiante de nossa realidade cotidiana, acreditando que tudo que a nós chega vem para o nosso crescimento e nossa evolução espiritual. Destacamos, assim, como Jesus frisou, que a busca da satisfação nessa vida, dos prazeres mundanos, sensoriais e absolutamente temporais, em nada nos ajudará no caminho da santidade, da verdadeira iluminação, da auto-realização.

A humanidade, no temor e no desconhecimento do porvir, embasada em sua essencial limitação, fixa-se, tão ferozmente, nas conquistas momentâneas que são, absolutamente, passageiras e finitas. Ao partirmos, nenhuma delas seguirá conosco, nenhuma nos acompanhará, tampouco nos sustentará.

A nossa fé é limitada e medrosa. Afinal, desejamos, de fato, ser cristãos, ou crer em apenas alguns de seus ensinamentos, especialmente aqueles que não incomodam a nossa condição humana? Desejamos seguir Cristo Jesus em direção à nossa verdadeira salvação ou enaltecer e utilizar somente os seus ensinamentos que nos aliviam do cotidiano terreno? Se quisermos ser verdadeiros discípulos de Cristo, cumpramos suas orientações: “*Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. Porque, quem quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, irá salvá-la.*” (v. 23-24)

Perder a vida por Cristo não significa matarmo-nos fisicamente, suicidarmo-nos em busca de “outra” vida. Representa, tão somente, o desapego das coisas tolas e passageiras, vazias e ilusórias, centrando em nossa vida os ensinamentos de Cristo, ou seja, sermos, de fato, seus seguidores, vivermos seus ensinamentos e seguirmos seu caminhar. É termos a coragem de amar nossos semelhantes, independente de qualquer diferença existente; termos compaixão com o próximo, independente de quem seja; buscarmos a justiça social, independente dos possíveis conflitos a serem enfrentados; ampararmos os sofredores, independente dos necessários sacrifícios. Isto é “morrer”, isso é perder a vida para seguir os passos de Jesus.

Caso contrário, se continuarmos endeusando as coisas, as posses, as aparências, os prazeres passageiros e fúteis, se nos mantivermos orgulhosos e obcecados pelo poder do mundo, alimentando nossa vaidade, perderá a sua verdadeira e perene vida! Atentemo-nos à fala do próprio Cristo Jesus: “*Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar a sua própria vida?*” (Mc 8,36).

Nunca me esqueço das palavras de Dostoievsky: “*Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento.*” Não que busquemos o sofrimento para nossa expiação, tampouco que dele gostemos e a ele nos apeguemos, mas que tenhamos fé. Creiamos que no sofrimento, no carregar a cruz, no auxílio cotidiano de nossos irmãos, independentemente do que tenhamos de fazer ou passar, estaremos amparados pelo Altíssimo, estaremos caminhando pelas estradas da evolução espiritual.

Assim como não há ressurreição sem morte, não há mudança sem perda. Sofremos com as limitações, as privações e com o processo de desapego das coisas e dos prazeres deste mundo, mas, por outro lado, ganhamos, pela perseverança na fé, a verdadeira vida.

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre na vida de vocês!

Rev. Frei João Milton